

CENTENÁRIO DE LOUREIRO FERNANDES: MINHAS LEMBRANÇAS DO MESTRE

Cecília Maria Westphalen*

Prezado presidente, prezados colegas, alunos, ex-alunos e meus amigos.

Nós, historiadores, trabalhamos com *fontes* de onde derivam os conhecimentos históricos. Fontes de toda natureza, não apenas o documento escrito. Langlois e Seignobos foram pegos pela palavra e, assim, mal interpretados: sem documentos não haveria história.

A renovação dos estudos de história pela “*École des Annales*”, particularmente a partir da reformulação conceitual de fato e de “documento” proposta por Marc Bloch e Lucien Febvre, propiciou ampla abertura para a consideração das fontes históricas. Era preciso derrubar os muros que confinavam a história e ver as flores dos jardins vizinhos.

O historiador passa, deste modo, a uma saudável e produtiva aproximação com as demais Ciências do Homem, sobretudo utilizando-se da troca não apenas de conhecimentos, mas de métodos e técnicas de pesquisas, oferecendo-lhes também os seus.

Hoje, todavia, desejo lembrar o esquema clássico de fontes históricas, proposto por Ernst Berheim, no final do século XIX, alimentadoras da *crítica* histórica.

- A. **Observação direta** - testemunho oral ou auricular.
Lembrança - condições individuais e sociais.

- B. **Tradição:**
Oral - rumor, fábula.
Escrita - relatórios.
Gráfica - desenhos, plantas, mapas.

- C. **Restos:**
Monumentos propriamente ditos.
Documentos destinados à prova.

* Professora Catedrática de História Moderna e Contemporânea aposentada pela UFPR.

Mas, que devo eu apresentar nesta mesa-redonda? Não pesquisei, não critiquei historicamente a vida e a obra de Loureiro Fernandes.

Posso apenas apresentar pequeno relato oral de fatos que tive oportunidade de conhecer e observar pessoalmente, vendo e ouvindo, sobretudo na convivência acadêmica. Ou seja, “lembranças” que datam de 1937, quando conheci Loureiro Fernandes, até a sua morte em 1977.

Eu era uma criança de dez anos. Porém, ressoam nos meus ouvidos as sonoras gargalhadas de Loureiro Fernandes, não sei se compulsivas ou *de joie de vivre*. Minha mãe passou nove meses na Santa Casa, e diariamente lá estava dr. Loureiro, acompanhando o cirurgião doutor Mario Braga de Abreu, recém-chegado da Alemanha.

Ouvia fascinada a conversa entre ambos, sobretudo acerca de situações que culminaram na II Guerra. Também, num projeto de uma Faculdade de Filosofia como a que se criara em São Paulo.

Por algum tempo ainda acompanhei minha mãe ao consultório da rua José Loureiro. Médico humanitário, nada cobrou pelos serviços prestados. Dizia que meu pai era farmacêutico, portanto, da área médica. Na realidade, não podíamos pagar.

Depois, fui para Fernandes Pinheiro e Iraty, regressando a Curitiba em 1944, passando a estudar na Escola Normal e no Colégio Estadual do Paraná. Por influência das colegas Altiva, Aurinha e outras, acabei fazendo, em terceira chamada, o vestibular para o curso de Geografia e História.

Reencontrei Loureiro Fernandes, agora como professor. O currículo do Curso incluía três disciplinas ministradas por ele: Antropologia, Etnologia e Etnografia do Brasil. Na primeira, eram os seus conhecimentos de anatomia do corpo humano; na segunda, eram enfatizadas as teorias sobre a origem do homem e sua maneira de viver; o guia eram as obras clássicas de Georges Montandon e Paul Rivet. Finalmente, na terceira, era sobretudo o folclore, tendo por obras condutoras Paul Rivet, Luís da Câmara Cascudo, Renato de Almeida e os viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil e deixaram as suas observações.

Pela sua atuação, abrigando a nova Faculdade nos porões da sua antiga residência e, depois, junto à União Brasileira de Educação e Ensino, dos Irmãos Maristas, Loureiro Fernandes ganhou prestígio, sendo Vice-Diretor da mesma, de 1942 a 1945 e de 1948 a 1951. Quando do licenciamento do professor Brasil Pinheiro Machado, em 3 de março de 1948, passou a exercer a Diretoria.

Foi justamente o tempo do meu Curso. Assim, testemunhei o

seu excelente relacionamento com os estudantes de todos os cursos, e com os de Geografia e História, em particular. Estava sempre disposto a colaborar com as suas iniciativas. Destaco as excursões a locais históricos e de interesse geográfico.

Conosco iniciou as atividades de pesquisa de campo: as congadas da Lapa e o fandango de Caiobá.

Guardo a lembrança do seu *dinamismo*. Um homem *instigante* e *criativo* de instituições. Algumas de caráter passageiro e pessoal e outras de caráter permanente e de interesse da cultura, da ciência e da Universidade.

Teve participação ativa na criação do Círculo de Estudos Bandeirantes, na restauração do Museu Paranaense e na fundação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, assim como na sua incorporação à Universidade do Paraná, possibilitando-lhe a restauração e pouco depois a sua federalização. Participou, ainda, da definição e construção do prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Criou o Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia, reunindo diversas cátedras interessadas na pesquisa e no intercâmbio científico. Do Instituto, originaram-se o próprio Conselho de Pesquisa da Universidade e o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas de grande prestígio no País pela presença de renomados pesquisadores estrangeiros, como os arqueólogos Joseph Empeaire, Annete Laming-Empeaire e Wesley Hurt.

É preciso referir o seu trabalho para a criação e a instalação do Museu de Arqueologia e Artes Populares, no antigo prédio do Colégio dos Jesuítas de Paranaguá, com o objetivo do estudo desde as origens do homem americano até o homem paranaense.

Criou, ante a primeira reforma estrutural da Faculdade de Filosofia, o Departamento de Antropologia, assim como foi criado o Departamento de História, aquele incluindo apenas as cátedras de Antropologia e Etnologia. Havendo já prestado concurso de provas e títulos para a cátedra de História Moderna e Contemporânea e integrando o Departamento de História, e Loureiro Fernandes, deixando a direção do Instituto de Pesquisas, não tive maior contato com o mesmo, a não ser na Congregação e no Conselho Departamental, nos quais muitas vezes tivemos divergências na sua política interna e em defesa do nosso espaço no 6º andar, ante os seus projetos expansionistas.

Da restauração da Universidade às reformas da década de 1960, seu nome e sua posição ganharam prestígio criando, ainda, o Centro de Estudos Portugueses. Depois, desgastado por mal entendidos

e divergências, resultantes por vezes da sua intransigência, requereu aposentadoria.

Recordo-me da última vez que o vi em vida, na Reitoria, em acirrada discussão com o Reitor a respeito da situação do Museu de Paranaguá na estrutura da Universidade. Foi o seu último combate.

Se tivesse que definir sua personalidade e, sobretudo, abranger sua atuação, diria que foi um entusiasmado *animador cultural*, daqueles que fazem falta na vida universitária, pois, o entusiasmo muitas vezes supre a ausência de recursos e de condições, mesmo a falta de profissionalismo. Profissionalismo que estava ainda em gestação na universidade brasileira. Sua atuação colocava-o além da conjuntura em que viveu: a da organização universitária brasileira com a Reforma de Francisco Campos. Todavia, pela própria formação, não resistiu àquelas de 1970, afastando-se definitivamente da UFPR. Faleceu logo depois.

Termino este depoimento, com as palavras que pronunciei quando da sua perda: A atuação contagiante do professor Loureiro Fernandes assinala toda uma conjuntura da vida cultural paranaense. Fundador do Círculo de Estudos Bandeirantes, reunindo a intelectualidade católica do Paraná e fundador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Nesta, foi o grande incentivador da Antropologia. Fez de Curitiba, um dos centros mais importantes do país, na pesquisa antropológica e arqueológica. Abriu caminhos, entusiasmou uma geração de pesquisadores.

E digo hoje, oxalá a Universidade possa contar sempre e nos momentos oportunos, com homens com as suas qualidades: dinâmico, instigante, criativo, entusiasta, um animador.

PROF. IGOR: Agradeço a sua participação valiosa nesta série de depoimentos sobre a vida e obra do professor José Loureiro Fernandes.

PROFA. CECÍLIA: Só me permita uma intervenção. Prezados colegas. Há alguns meses, consegui realizar a duras penas, pessoais, conjunturais e estruturais a coletânea dos esparsos da professora Altiva Pilatti Balhana que também foi uma aluna do Loureiro e talvez os seus ensinamentos tenham lhe servido muito para essa visão mais larga da história que não apenas “Colombo descobriu a América”. Eu trouxe 20 exemplares com 3 volumes para a entrega aos presentes porque um dos primeiros trabalhos publicados pela professora Altiva foi sobre o fandango de Caiobá resultante de uma das excursões com o professor Loureiro. Eu peço licença para me retirar porque eu já não

me sinto muito bem. Muito obrigada para vocês todos.**

PROF. IGOR: Os volumes da obra *Un mazzolino de fiori* serão distribuídos imediatamente. Agradeço mais uma vez a sua participação.

** A profa. dra. Cecília Maria Westphalen faleceu no dia 09 de março de 2004 (N. do Ed.).

